1.º Anno — Quinta-feira, 30 de Junho de 1892 — Numero 20

# A Folha d'Ovar

## FOLHA LITTERARIA E NOTICIOSA

**ASSIGNATURA**

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSAVEL

M. GOMES DIAS

**PUBLICAÇÕES**

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

## Ovar, 29 de junho

E' cada vez mais deploravel a nossa situação.

Portugal moderno já não póde contemplar as gloriosas paginas da sua antiga historia, porque isso seria macular com a sua vista impura, o brilho da magestosa corôa, tecida com os feitos dos nossos antepassados, a qual assenta sobre o grandioso pedestal dos descobrimentos e conquistas.

Portugal moderno já não possue os *Lusiadas*—amplo cofre de sentimentos patrioticos bebidos na grande fonte, o amor da patria, onde a antiga alma portugueza ia buscar coragem e fé para resistir á acção perigosa do absolutismo e da tyrannia.

E' com o coração magoado e triste que olhamos para a derrocada imminente e para a indifferença do povo portuguez que se tornou cumplice das desgraças que a nossa querida patria tem soffrido desde longa data.

O povo é cumplice, porque tem deixado impunemente os governos que nas suas administrações teem praticado escandalos e falcatruas sem numero, e além d'isto, é cumplice, porque manda para o parlamento representantes, na maior parte sem dignidade e honra, que só sabem ostentar a sua ambição e pedantismo nos corredores de S. Bento . . .

Agora é que apparece o longo cortejo dos graves erros dos nossos governos que prodigamente lapidaram o thesouro, é agora que o paiz bastante decadente é vilmente escarnecido, e o bom nome portuguez coberto de insultos e de chufas pelos jornaes estrangeiros.

Não é só isto.

Lançae, agora, a vista sobre o paiz e tereis occasião de contemplar o horroroso quadro da lucta pela existencia; vereis a crise estender o negro manto da fome, sobre a humilde e laboriosa classe operaria; depois, entrae nas choupanas d'estes infelizes, vereis que no armario não ha pão e que as casas de prego estão atulhadas de roupas e ferramentas.

Quando o proletariado se debate em lucta titanica com o capital, quando as fabricas se fecham em virtude das pessimas pautas aduaneiras, quando o commercio se vê paralysado por falta de transacções, quando as industrias e a agricultura se definham por falta de recursos e protecção dos poderes dirigentes, e quando a emigração continúa, os ministros tratam de eleições e de elaborar programmas festivos e pomposos para a occasião da entrega da *rosa d'ouro* á rainha D. Amelia; festas que hão de custar umas dezenas de contos ao povo, e que mostrarão ao estrangeiro que Portugal embora não tenha um vintem para pão, *tem-o comtudo* para foguetes e farças.

E' uma grande honra, na verdade, para Portugal a offerta do santo papa, mas no que não podemos concordar de maneira nenhuma, é na estroinice dos festejos quando a patria atravessa uma crise medonha e o nosso credito está reduzido á mais simples expressão.

A situação não é para folias, mas sim para economias, muitas economias, senhores governantes.

## SECÇÃO LITTERARIA

### O AMOR

(TRADUZIDO DE MAD.me EMILE GIRARDIN)

*(Conclusão)*

Oh! Sem duvida, nos primeiros dias, o orgulho é lisongeado, o coração é enternecido e a mulher amada parece mais bella; tem mais confiança no seu poder; mas em breve esta confiança se dissipa, porque o inimigo só pensa em destruil-a. Elle apodera-se gradualmente de todas as ideias, absorve todos os sentimentos, afugenta e expulsa todas as lembranças, estabelece-se como senhor n'esta alma e quanto mais dominado se sente, mais absoluto se faz. Uma hostilidade orgulhosa se estabelece entre elle e a mulher bem amada, ou antes, amada de mais. A guerra declara-se involuntariamente; o amor... é a suprema injustiça... uma preferencia é sempre uma injustiça... mas como elle faz pagar cara essa preferencia! Que de censuras, que agoura, que inexgotavel malquerença, que ciume minucioso e provocante!... Cousa estranha! Porque faz elle isto? Tudo n'esta mulher lhe agrada e todavia tudo o que faz, tudo o que diz esta mulher lhe desagrada! Tem razão de queixa d'ella? Não. Então, porque a atormenta incessantemente? Porque a ama...—Porque é que esta mulher ha pouco tão espirituosa, tão divertida, está agora triste e inquieta? Porque é amada...—Porque é que esta outra donzella, que era tão elegante, tão *coquette*, que se vestia á moda, que se via brilhar em todas as festas, agora occulta debaixo de longos véus debaixo de pesados estofos, é fria e desengraçada para todos? Porque é amada.—Porque é que esta mulher, cuja voz é tão bella e que cantava tão bem, já não canta? Porque ella é amada... e todavia é por causa da sua voz que a amaram.—Porque é que esta mulher que escrevia paginas tão cheias de fogo, e cuja imaginação era tão fertil, não escreve já dramas nem romances? Porque ella é amada e porque o amor que tem zêlos dos seus poeticos pensamentos, não lhe permitte nenhumas chimeras rivaes, porque tem a pretenção de realisar todos os seus sonhos e tem inveja de todas as creações. Consentir em ser amado é perder o livre arbitrio, é anniquilar a sua individualidade. «O amor embelleza a vida; quando se ama, o ceu parece mais bello, a agua tem mais frescura, o sol tem mais brilho, as aves tem um mais doce gorgeio.» Onde é que os poetas encontraram isto? Pelo contrario, quando se ama, não se vê senão o objecto amado; se elle não está presente, nada se vê, nada se ouve, chora-se a sua ausencia e espera-se que venha; se está presente, não se vê senão a elle, não se pensa senão n'elle, e pouco importa então que o ceu seja puro, a agua clara, e que as aves cantem bem.

Não é pelo contrario o amor que vem por si só perturbar todos os outros prazeres? Acreditaes vós, por exemplo, que dous sêres que se amam, n'um dia em que estejam zangados um com o outro... e quanto mais se amam, mais facil é zangarem-se... sejam muito sensiveis ás bellezas d'um logar agradavel e campestre? Acreditaes vós que o *dilletanti*, ainda o mais apaixonado, escuta com o mesmo delirio a sua aria favorita, quando um pensamento cioso o preoccupa? Acreditaes vós que uma mulher se diverte com uma conversação, quando aquelle que ella ama não toma parte n'ella? Ha, por acaso, uma admiração que o amor permitta? Ha, por acaso, um outro amor que elle deixe vegetar ao pé de si?

O amor divino, o amor filial, o proprio amor materno, o amor do paiz, o amor das artes, o amor da natureza, tudo destroe... elle faz a solidão em volta de vós. Ser amado, portanto, é ser isolado, desapossado, despojado... E' perder n'um dia as suas affeições, o seu talento, o seu valor, a sua personalidade, a sua vontade, o seu passado, o seu futuro... em summa, é perder tudo!...

Porto, 92.

*Elias Carvalho.*

### O CONFESSOR

*(Conclusão)*

Depois, passados mezes, quando teve de fugir á cólera do seu velho pae deshonrado; quando chorava já a sua enorme desgraça, apertando carinhosamente contra o coração o fructo do seu amor tão infamemente despresado, era ainda a sua musica predilecta, a sua *Stella* triste, que fazia adormecer o seu filhinho, o qual, no seu chorar convulso, parecia traduzir a dôr que lhe ia na alma feita de perfumes das rosas e de sorrisos da aurora, ao ver-se tão cedo abandonado no regaço da sua pobre e santa mãe!

Por isso, em virtude d'essas tristissimas recordações, é que Cecilia asphixiava afflicta, um suor frio a banhar-lhe a fronte, a morte na garganta, quando a ultima nota da bella composição, magistralmente executada, se perdia, abafada pelos ruidosos applausos dos seus convidados, no salão do commendador, o qual abraçava, commovido, o excellente cantor-amador.

Não podendo mais soffrer em silencio, a desgraçada fidalga soltou um grito agudo, em que parecia ir a sua alma, após o qual entrou na alcova uma mulher velha, que fôra ama de Cecilia, que a vira crescer cercada de confortos e carinhos, como a vira cahir na miseria, que partilhava, consolando-a com a unica consolação que podia dar-lhe:—as lagrimas.

Sentindo proximo de si aquella sua unica amiga, a doente fez-lhe comprehender, mais por gestos que por palavras, que sentia avisinhar-se a morte, que só Deus podia ouvil-a, pelo que não queria deixar o mundo sem transmittir a um dos seus ministros os seus ultimos pensamentos, a sua derradeira vontade. Supplicaria ao sacerdote acolhesse o seu filhinho orphão, visto que não teria no dia seguinte pão para comer. E elle, o representante de Christo, do divino martyr, não deixaria de cumprir o legado da moribunda, que pede pão para seu filho!

A velha e dedicada serviçal entendeu bem quaes eram os desejos da sua querida amiguinha, e sahiu apressada a satisfazel-os, as lagrimas a turvarem-lhe os olhos cançados de chorar, uma dôr cruciante a retalhar o seu nobilissimo coração.

Dava meia noite na torre da egreja proxima, e a agonia continuava n'um crescendo medonho. A's vezes, por um esforço supremo, Cecilia dirigia o olhar embaciado para a tenra creancinha, que continuava a dormir serenamente, sorrindo, sorrindo sempre, como um anjo que era.

E n'esse olhar, tão cheio de doçura e tristeza, ia o seu coração despedaçado, o seu immenso e purissimo amor de mãe, que não tem egual. Depois, no intimo da sua alma, a mãe afflicta rogava a Deus protecção para o seu filhinho idolatrado e perdão para o pai, que tão cruelmente o abandonára. Assim, resignada, esperava a morte.

Exhausta de forças, fechou os olhos, parecendo dormir. Mas não dormia: orava, com o pensamento em Deus e no seu filho!

Passados poucos momentos, entrava a velha ama seguida d'um padre, que encontrára a sahir do palacete do commendador.

O sacerdote approximou-se vagarosamente, solemnemente, no cumprimento da sua nobilissima missão. Ajoelhou, tomou o pulso á moribunda e tacteou-lhe a fronte, pois a julgou já morta. Ao contacto da mão fria, ella sentou-se a custo, abriu os olhos, estremeceu, fitou o sacerdote d'um modo indefinido, apontou-lhe o leito da creancinha, e, soltando um grito estridente, infinitamente doloroso, cahiu pesadamente no leito.

Estava morta.

... O padre era Carlos, o pae do pequenino Arthur, que Cecilia não via já ha tres annos!...

Ovar, 18-5-92.

*A. Serio.*

A
MANOEL GOMES DIAS

### BERTHA

(EXCERTO)

Não posso esquecer Bertha! a adorada e graciosa morena de grandes olhos pretos, que todas as manhãs, apenas o sol acereijado e lindo começava a espreitar por entre os dedos das ramarias frondejantes, orvalhava com admiravel delicadeza, sempre incuidosa do futuro, as alquebradas e encanecidas flores, que a brisa glacial e inexoravel derribava indifferentemente, cruelmente.

Não posso esquecer aquella fronte alta e espaçosa, que abrigava uma luminosa intelligencia; aquella elegancia, aquella magestade de corpo delgado e flexivel que, possuindo o que quer que fosse de impalpavel e ethereo, prendia, fascinava, arrastava os corações mais estoicos e endurecidos.

Quantas vezes, junto do lago do pequenino jardim onde a philomela publica sonorosos queixu-

mes, a sua phisionomia irresistivelmente insinuante e encantadora me fez sentir essa aspiração vaga de gosos desconhecidos! Quantas vezes os seus labios finissimos, muito corados, que similhavam duas petalas de rosa, me roçaram as faces pallidas, desbotadas!

Ah! em cada beijo que trocavamos resumiam-se todas as doçuras, todos os encantos, toda a ineffavel ebriedade do amor!

Eramos felizes.

E quem não se julgaria feliz ao lado de Bertha! de Bertha, cujo espirito innocente, ainda não agitado pelo vendaval das paixões, nem mordido pelo aspide venenoso das vaidades humanas, se aninhava no seio das mais bellas esperanças, emballando-se ao rithmo cadenciado das mais brilhantes virtudes!

Não podia ser duradouro este amor innocente!

Não podia prolongar-se mais a existencia de Bertha, que, como as aves do ceu, sempre cantando, saudava os dois crepusculos do dia!

. . . . . .

. . . . . .

Uma noite (boiava serenamente a lua no azul alagando com argenteo clarão os montes e os campos), Bertha disse-me, deixando cahir duas lagrimas como duas gottas d'orvalho—:«Empallideceu o brilho da minha estrella polar! Vão cahindo, pois, uma a uma todas as flores da minha primavera!»

Não se enganava!...

Na tarde do dia seguinte expirava ella, a desditosa Bertha, no meio d'uma agonia terrivel, quando o seu espirito, impregnado dos ineffaveis perfumes da innocencia infantil, começava a voejar como um colibry pelo seio iriado de encantadas esperanças.

Havia-se envenenado!

A mãe, descobrindo o segredo do coração de Bertha, começou a escravisal-a com terriveis phrases, mais frias incontestavelmente do que o som do alfange destroncando a cabeça d'uma victima.

E ella, a inolvidada Bertha, antevendo um triste prenuncio de duradoira tempestade, que lhe havia de varrer para sempre a alegria do coração, o sorriso dos labios e o pensamento do cerebro, deixou a vida, para não supportar a gotta de fel que a mãe lhe havia lançado no calix da existencia.

Pobre Bertha!

. . . . . .

. . . . . .

Morreu n'uma bella tarde de primavera, quando o sol bafejado pelas brisas olentes do crepusculo descambava no oceano como um globo de luz inflammada; quando as aves soltavam seus ultimos threnos, para esconder-se no manto vaporoso da noite!

Ovar, junho 92.

*R. F. Valle.*

# DIA DE ANNOS

«Faço hoje annos.» Não quero desconforto!
Não quero isolamento!
Nem estar triste, abandonado e morto,
Na gelida mudez do esquecimento!...

Eu sentia-me abatido e doente,
Eu não sabia rir;
Pois hoje p'r'a vida r'nasci, contente,
Investido por este resurgir

Da natureza virginal e pura,
Do campo todo em festa,
Da effusão, que eu bem sinto, de ternura,
Da robustez profunda da floresta;

Da minha louca mocidade ardente,
Das vinte primaveras,
Do esplendor do bom sol amigo e quente,
Dos jasmins, das roseiras e das heras!...

Mais tresentos, sessenta e cinco dias
Sumidos no passado...
Mas não seccaram inda as alegrias,
Não tenho o coração despedaçado!

Não penderam as chimeras formosas
Como as flor's ao sol posto,
E nem se desfolharam como as rosas
Aos beijos quentes das manhãs de agosto!

Ainda não sinto agonias na alma,
E nem detesto o mundo,
Aonde ha calor que se não acalma
E oceano de trevas tão profundo!

Eu ainda não trilho lentamente
Os lugubres caminhos...
Reviveu a luz do sol esplendente!
Córou as rosas e alegrou os ninhos.

A relva tem um véo de borboletas,
O campo um manto de flor's;
E no ar, de noite, os olhos dos planetas
Velam o somno lindo dos amores.

Sente-se o tardo rumor das florestas,
Dos valles e dos montes;
Vê-se a terra expandir-se toda em festas,
E ouvem-se chorar docemente as fontes.

Abrem-se os bellos calices das rosas,
Os lyrios, as papoulas,
E, nos ramos das balsas silenciosas,
Batem de amor os corações das rôlas.

Sentem-se n'alma os rouxinoes cantar,
Ruflando a aza tão leve;
A vida tem noites castas de luar,
E abrem-se da crença as pet'las de neve!...

Como acho claro e formoso este dia,
E lindo o seu fulgor!...
Tudo n'elle é só limpida alegria,
Tudo palpita de radiante amor...

Resurge a natureza qual estrella
Que se mostra sem véo...
E a luz do sol revivesce tão bella,
Que até sinto um pouco do azul do céo!

No coração entra um effluvio tal
De seiva esparsa a flux,
Tão pura, tão nova, tão fresca e ideal,
Que toda se banha a minh'alma em luz!

Eu só vejo poentes d'oiro e rosa,
E vibrações de côres;
Ouço murmurios p'la campina hervosa;
Ha só perfumes, canticos e flores!...

«Faço hoje annos.» Gosto n'um dia d'estes,
Cercar-me de creanças
De olhos virginaes, limpidos, celestes,
De boccas de rosa e de loiras tranças.

Gosto d'ouvir, no harmonico piano,
A minha doce amada,
Formosa como um sonho de Ticiano,
Risonha qual nuvem illuminada,

Tocar: «Bleu d'Azur», uma valsa grave
E cheia de emoção,
E depois, na sua voz tão suave,
Melodiar ternamente uma canção...

Senti-me um dia cheio de cançaço,
E julguei finda a lida;
Mas alguem, alguem tomou-me p'lo braço
E entrou commigo p'los humbraes da vida!

Por isso já me não vejo sósinho!
Tenho quem me conforte...
Eu sinto a alma mais fresca do que o linho,
E não ouço chorar o vento forte!

Embebeda-me o azul do firmamento,
O céo e até o mar!
Macario, ponha a albarda ao jumento,
E conduza-o para eu aqui montar.

Quero ir, caracolando, p'los caminhos,
Pelos virentes prados,
Pelos ricos vergeis cheios de ninhos,
De luz, de sons e em festa engrinaldados...

Eu quero, ao som das alegres cantigas
De vaidosa aldeã,
E ao leve ondular das loiras 'spigas,
Sentir na face os beijos da manhã.

Quero que a minh'alma entorne a alegria
Limpida e virginal
P'la abobada serena e luzidia,
N'um canto fervoroso e matinal...

Quero entrar nas solidões d'uma mata
E fazer um idyllio...
Augusto, leva-me o burro p'la arreata,
Afina-me tu a lyra, ó meu Virgilio!

Quero vêr o olhar d'oiro das boninas
Nas selvas rumorosas,
E depois, ir lá por essas campinas,
Fazer, cheio d'azul, versos ás rosas...

Emfim, minha primavera opulenta
Estremece de amores,
E envolta em luz e oiro, anceia e rebenta
Em alegres cataclysmos de flores!...

«Faço hoje annos.» Não quero desconforto!
Não quero isolamento!
Nem estar triste, abandonado e morto,
Na gelida mudez do esquecimento.

Miomães, 30-6-92.

JAYME T. CIRNE DE MAGALHÃES.

# NOTICIARIO

## O arraial de S. João

—

No sabbado e domingo festejou-se o milagroso S. João, na sua capellinha, no largo do seu nome.

O arraial da vespera foi, como sempre, bastante concorrido; a illuminação era soffrivel, duas musicas — a da Avanca e «Boa União», distrahiram os romeiros, extasiaram-n'os, por vezes, com as suas *hespanholadas* e trechos *d'opera*, muito foguetorio, danças populares e seus respectivos descantes, merendolas, espiritos serenos, etc. etc. Contou-nos a policia, com a maior das satisfações, que o verdasco não fizera este anno o effeito do costume, evitando assim a perturbação da ordem, e trabalho para a referida policia.

No domingo houve missa solemne e no fim d'esta, sahiu a passeio, acompanhado pelos seus devotos visinhos, no seu andor de grandes plumas, o velho S. João, rodeando a quinta no meio da qual tem a sua vivenda; recolheu atordoado pela musica, incommodo ou penitencia que tem todos os annos.

Um parenthesis: Quando os santinhos fazem penitencia, que deveremos nós fazer?

A' tardinha apinhou-se aquelle local, pittoresco em si pelos sobreiros.

Tudo alli correu em peso, mas com todo o luxo...

O dia não podia ser mais promettedor.

Um sol ardentissimo que era cortado por uma viração consoladora, obrigava o romeiro a resguardar-se dos seus raios com o auxilio do guarda-sol.

Tarde linda! Verdadeira tarde de S. João!

Ao declinar esta, começou a declinar tambem a pouco e pouco o enthusiasmo d'aquelle arraial que se despovoava.

*

Fomos os ultimos a retirar.

Tudo teve um epilogo que nos agradou; nem uma prisão, nem o mais leve desgosto que quebrasse aquella tarde alegre e de paz.

Antes assim.

Apesar da fama desfavoravel que ha muito teem os vareiros, é certo que estes teem demonstrado o contrario: muito boa gente!

Ou não fossemos tambem de Ovar!

Foi-se o S. João, mas veio o S. Pedro que se festejou mais *pobremente!*

Foi mais infeliz! E' questão de sympathias!...

## O banho santo!

—

E' devoção antiquissima do nosso povinho das aldeias, darem o seu *mergulho* ou lavar os pés na praia do Furadouro, na vespera de S. João, á meia noite!

São devoções, respeitamol-as!

Pela primeira vez fomos este anno, na quinta-feira, á referida praia assistir ao tal *banho santo*, como dizem os devotos romeiros.

A concorrencia, relativamente aos annos ulteriores, foi escassa.

Algumas fogueiras, aqui e além uma dança de *Maneis*, á beira-mar alguns idylios, e do conjuncto de tudo isto, nascia um aborrecimento a toda a prova!

Deu meia noite. Não ouvimos as *badalladas*; conhecemos ser esta hora pela massa que seguia direcção da beira-mar.

A *santidade* do banho resumiu-se no seguinte: — muito riso lá porque uma *Maria*, a fugir d'uma onda mais forte, dava um *trambolhão* e ficava *molhadinha!* apupos d'uns, assobios d'outros, carreiras desabridas, cousas finalmente que não nos despertou nem interesse nem graça; eis tudo.

Ora, bollas!

A noite era escura e orvalhava bastante.

Pela uma hora appareceu alli a *troupe occarinista d'Ovar*, que percorreu algumas ruas, tocando bonitos ordinarios (um por junto!) e que, de quando em quando, destoavam pela falha do compasso!

Não admira, era a vespera de S. João!

Na estrada principal executaram uma area muito amêna, muito melancholica, mas que, por vezes, sahiu fóra das leis musicaes por causa da falha do compasso!

Não admira, era a vespera de S. João!

Retiramos seriam duas horas.

Ahi teem os leitores o que presenciamos e o que ficamos sabendo do *banho santo!*

*Banho santo* ha um: é o do baptismo! Os outros estão longe de ser classificados de—Santo!

*Santos* fomos nós que tivemos paciencia de traçar uma local sem prestimo.

## Festividade

—

Celebrou-se na sexta-feira, com o maximo esplendor, na capella de N. S. da Graça, a festividade do Coração de Jesus (velho).

De manhã houve missa, acompanhada pela orchestra do sr. Antonio Maria Valerio, e á tarde, sermão pelo rev. prior de Salreu e procissão, accrescentando-se a esta um novo andor—o do Coração de Jesus—, que sahiu pela primeira vez. A imagem esteve exposta na quinta e sexta-feira; é pequena sim, mas de aprimorado gosto e luxo.

Cabe aqui dizer-se que os dignos mesarios d'aquella confraria aspiravam, ha muito, este melhoramento, que por fim conseguiram obter este anno.

Aos seus dignos promotores as nossas sinceras felicitações.

## Visitas curtas

—

Chegou a esta villa no dia 22 o nosso illustre patricio e amigo velho, Manoel Duarte Bandeira, residente em Lisboa, a quem abraçamos.

Pena foi serem poucos dias que este rapaz intelligente, bemquisto e expansivo, gosou no seio dos seus amigos d'Ovar.

O nosso hospede partiu na terça-feira para a capital, levando boas impressões dos rapazes do seu convivio e deixando a estes os verdadeiros signaes de sympathia e franca amisade.

Summamente affectos que, de ha muito somos a Manoel Bandeira, lembramos-lhe que as suas visitas a esta terra devem ser mais frequentes, que brevemente nos visite e que seja feliz pela *Lisbia amada* é o que, do coração, desejamos.

—Acham-se tambem entre nós, vindos de Lisboa, os ex.$^{mos}$ srs. Domingos da Silva Bonifacio, intelligente e conceituado empregado no commercio d'aquella capital, e João d'Oliveira Gomes, que vieram passar alguns dias de licença, em visita ás suas extremosas familias.

Muito estimamos.

## Arruamento

—

No sabbado passado andou no Furadouro, acompanhado d'alguns mestres d'obras, o digno presidente da camara, ex.$^{mo}$ sr. Soares Pinto, afim de brevemente se proceder ao arruamento da parte incendiada da Costa, sendo em seguida feita a distribuição dos logares.

### Fallecimento

—

Finou-se na sua casa, na quinta-feira, uma tia do nosso assignante, sr. José Simões Bazilio, da Praça, d'esta villa, a quem enviamos os nossos pezames.

### Exames

—

Fez acto do 1.° anno juridico, ficando approvado, o nosso amigo A. Fragateiro.

Fez tambem exame de historia o intelligente academico Pedro d'Oliveira Ferraz Chaves, ficando approvado.

As suas ex.mas familias e esperançosos rapazes, as nossas felicitações.

### Eleições

—

Realisa-se no proximo domingo a eleição da nova meza da irmandade de Santo Antonio.

Oxalá que a escolha seja feliz.

### Sentimos

—

Tem estado bastante incommodado o nosso amigo Silva Cerveira, conceituado negociante d'esta villa.

Sentimos e desejamos as suas melhoras.

### «Os homens celebres»

—

Acabamos de receber um exemplar d'este livro, que os seus editores, ex.mos srs. Guillard, Aillaud & C.ª nos offereceram, e que agradecemos.

Dar agora uma noticia critica do que elle vale, é cousa que não podemos. Mal tivemos tempo de o passar pela vista. Promettel-a para mais tarde, é compromisso que não tomamos.

A experiencia tem-nos demonstrado que não se póde assumir a responsabilidade de taes trabalhos. O tempo de que dispõe um noticiarista, e o espaço de que dispõe em jornal do caracter do nosso, são cousa por demais exigua. No entretanto diremos das nossas primeiras impressões o que se nos offerece e cremos de justiça. A obra pela sua indole, parece-nos muito apreciavel e util. E' um resumo historico-biographico de todos os inventos e inventores, descobertas e aperfeiçoamentos. Pelo nome que a subscreve, tambem nos inclinamos a crêr no seu real valor. E' o dr. Benjamim Gastineau. E pelo seu aspecto material é estimavel.

Concluimos dizendo onde os nossos leitores com toda a certeza a podem adquirir: é em Lisboa, no escriptorio-succursal da casa Guillard, Aillaud & C.ª, rua Aurea 242-1.°

### A crise em Portugal

—

Recebemos da illustre redacção do *Cruzador*, nosso distinctissimo collega de Lisboa, «A crise em Portugal» de que é auctor o jornalista eximio, poeta primoroso e collaborador assiduo d'aquelle conceituadissimo periodico da capital, ex.mo sr. Anselmo Vieira.

Somos insufficientissimos para fazermos uma apreciação do livro precioso que temos na nossa frente e que relêmos.

Para garantia do seu alto valor, que todos reconhecem, bastará conhecer os dotes de intelligencia do grande Anselmo Vieira, seu auctor.

Ficaremos por aqui, nada dizendo, esperando fazei-o para o nosso numero proximo.

Pela offerta os nossos agradecimentos.

### Consorcio

—

Consorciou-se, ha dias, na egreja matriz d'esta villa, o nosso amigo e assignante, ex.mo sr. Manoel Pinto Cortez.

Que tenha uma lua de mel como para nós desejamos!

### Julgamento

—

Foram julgados em audiencia geral, na terça-feira, os réos ex.mo sr. dr. Soares Pinto, advogado n'esta comarca, Manoel Alves Ferreira, solteiro, e Bernardo da Silva Vaccas, casado, todos da Praça, d'esta villa.

Eram accusados: os dois ultimos de homicidio frustrado na pessoa de Manoel Antonio Lopes, do largo da Pôça, na noite de terça-feira d'entrudo do anno de 1891, e o primeiro de encobridor.

A audiencia começou ás 10 horas.

Foi advogado por parte dos réos o distincto advogado, ex.mo sr. dr. Barbosa de Magalhães, que orou duas horas e meia.

A sala dos espectadores esteve sempre concorridissima.

O jury mixto deu o crime por não provado por unanimidade.

Eram 9 horas e um quarto quando terminou a audiencia.

### «O Regenerador»

—

Entrou no 7.° anno da sua publicação este nosso distinctissimo collega de Braga, a quem enviamos as nossas mais cordeaes felicitações.

## CHRONICA

Viva a *rapióca!*...

Não se espantem os meus leitores se eu lhes disser que o meu estomago sustentou dois dias e duas noites sem soffrer grandes incommodos, afóra uns leves signaes de cançaço e somno.

Isto é que são estomagos fortes!

Dois dias e duas noites na santa *rapióca*, é verdade!

Graças a Deus, dinheiro não ha, deixar de trabalhar não posso, porquanto se o fizer vou para o cemiterio—*morro á fome!* (ai! é tão triste e tão digno de compaixão um *menino* como eu, morrer á fome! O Senhor do céu e os senhores da terra me livrem d'essa epidemia!) mas lá um dia grande deixar de o ser para mim?! Isso nem por Santo Ambrozio!...

Santa paciencia. Ninguem me dissuade do meu intento; enfio o gabão, tróco o chapéu pelo capuz, marmelleiro nas unhas... por causa dos cães, e... até ás tantas da madrugada!

Isto sendo de noite; ora sendo de dia, então o caso é muito differente.

O meu competente *frak*, muito russo, aromatizando benzina para encobrir as nodoas, cartola de 7 para 8 annos, que diariamente trago para não variar, mas que ainda está em bom uso pelo auxilio da escôva, sapatinho de verniz, d'este cabedal... mais caro!, laço de boal, luvas que primam pela sua antiguidade, fitinha preta servindo de corrente, preta porque o lucto rigoroso assim o permitte, emquanto não possuir uma d'ouro!, e muitas coisas mais.

De noite qualquer pessoa, ainda que de mui baixa esphera, me póde fallar; de dia... ha distancias, por que não?

Eu (vaidade de parte!) sou rigoroso cumpridor dos modernismos!...

Quando estive em Paris, fui varias vezes acclamado—*o primor dos parisienses!*

Na minha pessoa illustre, não só pelos avoengos de estirpe escolhida, como tambem...

Ah!... Ah!... Ah!...

E a chronica?! Perdôa-me, ó critica vareira!

*

..... .....

Cheguei no sabbado ao largo de S. João eram dez horas. Desanimei. A illuminação estava *pifia*, as *gaitadas* eram desconformes e... que mais havia?

Ah!... fui á capellinha vêr e visitar o meu velho amigo Joãosinho, um homem-santo muito bom. Riu-se apenas me viu e disse n'um volver d'olhos que reparasse no adorno da sua casinha.

Muitas flôres no altar, muitas luzes; ao lado esquerdo da sachristia estavam sentadas tres repolhudas mordomas que... perdôa-me S. João e amigo, mas crê que as tuas creadas este anno eram de *truz!*, pareceram-me a principio santinhas vindas, por dois dias, das moradas celestes!

Mas que lindas eram os *demos* das repolhudas festeiras!

Mais lindas que o botão de rosa ao desabrochar quando o sol formoso d'abril lhe bebe as pequeninas perolas d'orvalho!

Despedi-me do Santo e fui sentar-me para ouvir as gaitas; ao som, ao *melodioso* som das mesmas fazia guerra crua a uma rôsca e a um cópito do *verdasco*.

E emquanto as *melodias gaiteiras* me chamavam o espirito para as regiões do prazer impregnado de suavissima melancholia, eu, arrostando com o chamamento das *gaitas*, levantei-me ainda indeciso e fui-me por ahi cantando uma modinha que um amigo me ensinou. A lettra é de Victor Hugo e a musica é de Carlos Gomes.

Ora ouçam:

Ai que linda! Ai que linda!
Ai que linda bonéquinha!
Bonéquinha!
Ai que linda! Ai que linda!
Ai que linda bonéquinha!

Só a leitura revela muito *chiste!*...

Pois se os leitores ouvissem a musica!...

*

A's 11 horas do dia immediato dormia ainda, pelo que me disse D. Morena, minha *illustre* creada do quarto e sala.

Almocei á hora que almoçam os diplomatas: á uma!

Dormi até ás 4 e depois, vestido á parisiense, de charuto brazileiro ao canto da minha bôcca *podibunda*, lá fui ao largo festejado.

Tudo como na vespera, só com a differença de se vêr sem auxilio dos balões venezianos...

*

Gozei dois dias e duas noites e o resultado?

Por causa do S. João,
Protector do meu derriço,
Ando aqui, Deus sabe como,
Mais sêcco que um caniço!

*Jayme.*

## CORRESPONDENCIAS

### Lisboa, 26 de junho de 1892

—

*Amaveis leitores:*

O calor que hoje está pairando sobre Lisboa quasi me impossibilita de vos escrever, porque a penna escorrega-me da mão com o suor; mas emfim, visto que se trata de vos dar novidades, é justo que eu me sacrifique um bocadinho. Do contrario não sei se vos diga que não me mettia em taes alhadas. E vós perderieis muito com eu vos não escrever, porque não saberieis noticias do meu amigo Ribeiro—*Sesostres* numero tres. Tive hontem o prazer de o abraçar, e de fazer um bocadinho d'Avenida com elle. Sempre o mesmo. Não vos minto dizendo-vos que embeiçou, em duas horas que lá passeamos, seguramente meia duzia de graciosas meninas.

Teve a desgraçada ideia de retirar hoje de manhã, o que devéras senti.

—Encontrei hontem (porque hontem foi para mim o dia dos bons encontros) o nosso amigo M. Bastos, o qual traz a cabeça a razão de juros por causa de uma brazileirinha muito elegante. E' mais feliz do que eu.

—Tem estado incommodado o nosso amigo Bernardo Quadros, mas felizmente vae sentindo bastantes melhoras. Eu tambem tenho andado muito doente... do coração. Que querem? Em vendo uma carinha bonita perco logo a tramontana, e depois não ha quem me ature.

Felizmente que estas molestias para mim são passageiras.

—A *grève* dos telegraphistas hespanhoes trouxe apavorada meia Lisboa, dizendo todos coisas do arco-da-velha.

Uns, que era uma revolução carlista; outros, que eram os republicanos em campo, etc., etc., e muitas outras *vóserices* que nem ao diabo lembra.

—Creio que ha grande festança no paço pela entrega da rosa d'oiro.

A tal rosinha vae-se demorando, retardando assim um feriadinho por que estou devéras ancioso.

—Correu hontem que tinha havido uma sublevação em Angola com o fim de se emancipar, mas naturalmente é falso. A ser verdade, era um bom exemplo para os nossos governos, que só tratam de eleições.

—Eu, amaveis leitores, vou jantar, que já estou com vontadinha, e por isso termino.

Até á semana, salvo algum contratempo.

*Semog.*

### Coimbra, 26 de junho

—

Outra vez de posse d'este logar, antes de fallar das novidades da encantadora e poetica cidade do Mondego, os meus caros leitores, hão-de me dar licença de apresentar os meus agradecimentos ao meu amigo Chinfradas e Catota e de lhe publicar a seguinte carta:

*Caras patricias:*

«O logar de correspondente que exerci durante algum tempo era emprestado, como declarei na minha primeira correspondencia; por isso não teem de que se admirar, se hoje lhe offerecer um *bouquet* formado com as flôres mais bellas do meu jardim:—o coração.

Flôres de despedida e de saudade que envio ás minhas formosas patricias, como retribuição do benevolo acolhimento das minhas despretenciosas correspondencias.

Seu admirador e... etc.,
*Chinfradas e Catota.*»

E' com grande regosijo que levanto um «viva» á redacção d'este jornal, pela maneira brilhante como se tem portado na conservação do seu lemma—imparcialidade, e pelo grande cuidado que lhe tem merecido o progresso e a cultura do espirito dos jovens escriptores, que se teem esmerado d'uma maneira assombrosa.

A respeito de escriptores novos, uma observação, ou antes uma ingenua pergunta ao sr. Marcel Emiliano, a respeito da sua autopsia a Ovar, com referencia á *face ovarense*.

Quando estava a tirar os traços para a sua analyse critica, tem a certeza que um vento mais puxado não fizesse dar *uma meia volta*... ao seu modelo?

Porque só assim é que se póde explicar as rugas e as taes *pegadas de gallinha* na epiderme.

—A vespera e o dia de S. João apresentaram-se com um aspecto carrancudo, choviscando repetidas vezes, e a desanimação que se notava nas fogueiras era devida ás ameaças do tempo. Ainda assim dançou-se e cantou-se animadamente até altas horas da noite. Raparigas enfeitadas com flôres campestres, alegres como passaros, davam o braço aos seus Maneis e lá iam em folga continua estafando os orgãos vocaes, borrifadas pelo tradiccional orvalho. Não gostei das cantigas porque eram improprias n'esta noite; e em toda a parte onde ouvi cantar, nem uma só vez essas cantigas se referiam ao S. João. Coisas da cidade e do modernismo! Quanto mais valem as canções simples e um tanto mysticas, que os purpurinos labios das nossas robustas aldeãs soltam n'esta noite de folia e de prazer.

—Engraçado e curioso o caso seguinte:

Uma menina, que exercia o mister de sopeira em casa de suas tias, não podendo supportar a rabugice das velhas, que constantemente a reprehendiam por se tomar d'amores com um nosso patricio, visinho d'ella, n'um dos dias d'esta semana abandonou o lar da familia. As velhas vendo n'isto um rapto, foram-se queixar ao commissario, que, em acto continuo, mandou uns Mavortes da vigilancia publica cercar a casa do D. Juan. A menina quando naturalmente procurava o seu queridinho para lhe participar o passo que tinha dado, foi encontrada por um dos taes Mavortes, que a levou para o commissariado, sendo pouco depois restituida aos paes.

Ah! infeliz Julieta, quanto terás tu suspirado pelo teu amado Romen que nunca tornarás a vêr!

—Fez na ultima quinta-feira acto de primeiro anno juridico, o nosso distincto amigo e patricio Arnaldo Fragateiro de Pinho Branco. Enviamos-lhe um abraço pelo bom exito que obteve.

—Passou no dia de S. João o vigessimo anniversario natalicio do nosso querido amigo João Carlos Ribeiro de Lima, um rapaz alegre e sincero.

Este nosso amigo reuniu em sua casa alguns amigos e collegas a quem offereceu um copo d'agua. Oh que bella agua!

Oxalá que possamos beber todos os annos da tal... agua. Houve muitos brindes.

—Recebemos e agradecemos *A Mocidade e o Destino*, de Moysés Nora, e um livrinho de poesias *Saudades* de Gustavo Santiago.

Até á semana.

*Petiz.*

## SECÇÃO CHARADISTICA

DECIFRAÇÕES DO N.° ANTECEDENTE

—

*Das charadas novissimas:*
Jangaz — Jalápa — Mástica — Suspeita — Langôa — Jambolão — Tábola — Jacaré — Carmatello.
*Do logogripho:*
Nautica.
*Da charada geographica:*
Cochinchina.
*Novissimas:*
Cabáço — Camarim — Camiza.
*Do enygma:*
Maleita.

# ANNUNCIOS JUDICIAES

## EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juiso de Direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de trinta dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando os executados, Manoel Joaquim Alves Fructuoso e mulher, do logar do Covêllo, freguezia de Cortegaça, mas ausentes em parte incerta, para no praso de dez dias, findo que seja o dos editos, pagarem ao executente Manoel Francisco Rodrigues, solteiro, do logar de Mattosinhos, freguezia de Esmoris, a quantia de réis 1:31$280, proveniente de capital, juros e custas contados na acção commercial que lhes moveu e porque lhes promove a execução de sentença, sob pena d'esta seguir seus termos nos bens arrestados.

Ovar, 18 de junho de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,

*Salgado e Carneiro.*

O escrivão,

*Eduardo Elysio Ferraz de Abreu.* (29)

## EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juiso de Direito da comarca d'Ovar, escrivão Sobreira, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando o interessado Antonio Pereira Sôrra, solteiro, e sua mãe Maria Vianna, viuva, por si, como assistente áquelle seu filho, e como representante de seus filhos, menores impuberes, Manoel José e Maria, todos residentes em parte incerta da cidade de Lisboa, para todos os termos até final do inventario orphanologico aberto por obito de Maria d'Oliveira Craveiro, que foi da rua do Pinheiro, d'esta villa; e os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca, para deduzirem os seus direitos no mesmo inventario, nos termos dos §§ 3.º e 4.º do artigo 696.º do Codigo do Processo Civil.

Ovar, 18 de junho de 1892.

Verifiquei

O juiz de direito,

*Salgado e Carneiro.*

O escrivão,

*Antonio dos Santos Sobreira.* (30)

## EDITOS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juizo de Direito da comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de 60 e 30 dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando—pelos primeiros, os interessados Elvira, Alberto e Augusto, ausentes nos Estados-Unidos do Brazil, cidade do Rio de Janeiro, não se sabendo em que rua, filhos naturaes perfilhados do fallecido Manoel Francisco d'Assumpção, solteiro, morador, que foi, no logar da Torre, freguezia de S. Vicente, d'esta comarca, para assistirem a todos os termos do inventario d'este seu pae; —e pelos segundos, os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca, para deduzirem os seus direitos no mesmo inventario, nos termos dos §§ 3.º e 4.º do artigo 696.º do Codigo do Processo Civil.

Ovar, 25 de junho de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,

*Salgado e Carneiro.*

O escrivão,

*Eduardo Elysio Ferraz de Abreu.* (31)

# ANNUNCIOS

## R. I. P.

Albertina Neuenfeldt d'Oliveira Fanêco, Rosa Gomes dos Santos, Carolina Neuenfeldt, auzente, Maria do Carmo Gomes dos Santos, Emilia Gomes dos Santos, João d'Oliveira Fanêco, Antonio d'Oliveira Fanêco, José d'Oliveira Fanêco, auzente, Maria da Graça Duarte d'Oliveira Santos, Antonio da Fonseca Gomes dos Santos, auzente, Maria Gomes dos Santos, João Manoel Lourenço Ferreira, Carlos Neuenfeldt, auzente, Germano Neuenfeldt, auzente, Augusto Neuenfeldt, auzente, e Otto Neuenfeldt, auzente, agradecem por este meio, profundamente reconhecidos, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do passamento de seu sempre chorado esposo, filho, genro, irmão, sobrinho e cunhado e bem assim aos que tão respeitosamente assistiram á missa do 7.º dia, suffragando a sua alma; a todos, emfim, protestam o seu inolvidavel reconhecimento.

## AGRADECIMENTO

Maria Araujo d'Oliveira Cardoso, Seraphim d'Oliveira Cardoso Baldaia, Carolina Adelaide d'Oliveira Cardoso Baldaia, Anna de Araujo Sommer, Rosa de Araujo Sobreira, Antonio Ferreira de Araujo, Henrique d'Oliveira Sommer e Antonio dos Santos Sobreira, agradecem penhoradissimos a todas as pessoas que tiveram a fineza de os cumprimentar por occasião do fallecimento de seu muito chorado esposo, filho, sobrinho e cunhado, dr. Anthero Garcia d'Oliveira Cardoso, protestando a todos o seu eterno reconhecimento.

Ovar, 1 de junho de 1892.

## Agradecimento

A familia da fallecida Rosa Basilio, da rua de Santo Antonio, agradece, reconhecida, a todas as pessoas que a cumprimentaram por occasião do funeral da mesma.

Ovar, 27 de junho de 1892.

## Aos srs. viajantes

Appareceu hoje á venda em todas as livrarias um pequeno folheto cujo prestimo está declarado no seu titulo, *Guia auxiliar para as viagens de excursão em todas as linhas ferreas de Portugal*, com itenerarios escolhidos á vontade dos passageiros.

Custa este folheto a insignificante quantia de 60 réis, e é revisto pelo engenheiro o ex.mo sr. F. Perfeito de Magalhães, e editado pelos prestimosos e bem conhecidos livreiros-editores Guillard, Aillaud & C.ª

Em Ovar, vende-se em casa de **Silva Cerveira.**

## Noções Praticas de Tachygraphia

Foi agora publicado sob este titulo um methodo de tachygraphia, escripto pelo nosso collega da *Folha do Povo* J. Fraga Pery de Linde, tachygrapho da camara dos pares, que o dedicou especialmente a jornalistas e estudantes.

A edição é da casa Guillard, Aillaud & C.ª, e custa apenas 200 réis.

Vende-se em casa de **Silva Cerveira—Ovar.**

*As noções praticas da tachygraphia* devem ser adquiridas por todos os que desejarem aprender a fórma de tomar rapidamente quaesquer apontamentos.

## AVISO

AO

# PUBLICO

Arnaldo Augusto da Silva Moura participa ao respeitavel publico em geral e aos seus amigos e freguezes que acaba de abrir um atelier de alfaiate, no largo da Praça, n.os 35 e 36, Ovar, no qual se fazem fatos promptos a vestir de magnificas fazendas, desde o preço de 4$500 até 20$000 réis; assim como se encontra um grande e variado sortimento de fatos feitos tanto para homem como para creança.

No mesmo estabelecimento se faz um fato completo em 12 horas, responsabilisando-se pelo bom trabalho e boas fazendas, tendo para isso um pessoal habilitado.

Preços extremamente baratos para adquirir freguezia.


## NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMMENDAS

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

**Imprensa Civilisação**

Largo da Pocinha, 73 a 77

PORTO

## Imprensa Civilisação

**Largo da Pocinha, 73 a 77**

PORTO

**N'esta officina, imprime-se todo e qualquer trabalho typographico com a maior rapidez e perfeição possivel, como *bilhetes de visita* a 160, 200, 240, 300, 360 e 400 réis o cento, facturas, memorandums, mappas, bilhetes de estabelecimento, etc.**

**Fabricam-se carimbos de borracha.**

## CATALOGO DAS OBRAS

A' VENDA NA

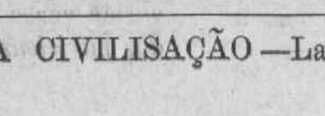
# Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77—PORTO

### Contos e historias diversas

| | |
|---|---|
| *O verdadeiro livro de S. Cypriano*, traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas | 500 |
| *O menino da matta e o seu cão piloto* | 60 |
| *Arte para curar bois*, vaccas, borregos, porcos, cabras e outros animaes | 60 |
| *Malicia e maldade das mulheres* e a malicia dos homens | 40 |
| *Historia dos tres filhos*, ou o gato das botas | 20 |
| *O noivado do sepulchro* (ballada) | 20 |
| *Os effeitos da pinga* (questão entre um sapateiro e sua mulher) | 20 |
| *Segredos da tarimba* (vida de um militar) | 20 |
| *Interessantes conselhos* que uma creada dá a um creado com quem pretende casar, para elle ser rico em pouco tempo (obra em verso) | 20 |
| *Cousas do arco da velha* | 20 |
| *O amante despresado* | 20 |
| *As botas de sete leguas* | 20 |
| *Historia biblica* | 20 |
| *Historia de José Portugal* | 20 |
| *Tristes queixumes de um pintasilgo* | 20 |
| *Arte de cada pessoa conhecer a sua signa* | 20 |
| *Atexto de dois cantadores*—A menina padeira—Um negociante de melancias | 20 |
| O *A B C* dos amores, seguido da Linguagem das flores e sua significação | 20 |
| *Atexto de dois cantadores*—A confissão do marujo—A despedida da mãe com o filho | 20 |
| Tragedia do *Marquez de Mantua* e do Imperador Carlos Magno | 40 |
| Auto de *Santa Genoveva*, princeza de Barbante, em que fallam Santa Genoveva, sua mãe: Sigesfredo, seu esposo; Tristão, seu filho; Golo, mordomo; uma criada, e dous criados | 40 |
| Auto do *Dia de Juizo*, no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim. Lucifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Caim, Abel, Dálilo, um vilão, um tabellião. um carniceiro, uma regateira e um moleiro | 40 |

## Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços **muito reduzidos** para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias, se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,

*Antonio da Silva Nataria*

*Antonio Ferreira Marcellino.*


Porto—IMPRENSA CIVILISAÇÃO—Largo da Pocinha, 73-77